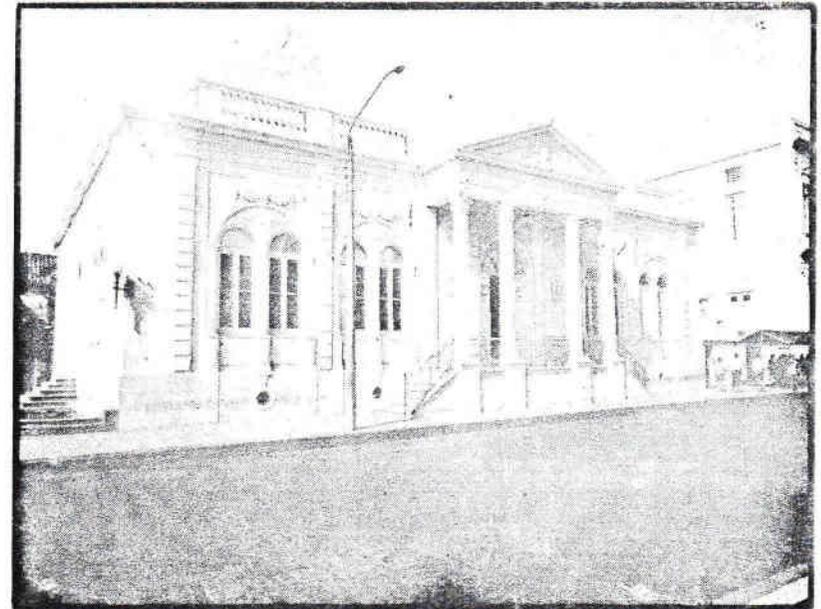


# HISTÓRIA EM REVISTA



PUBLICAÇÃO DO NÚCLEO  
DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel

volume 3 - novembro de 1997

HISTÓRIA EM REVISTA

Volume 3

NOVEMBRO DE 1997

Ass.: *Revista*  
Registro: *706 / [REDACTED]*  
Data: *novembro / 1997*  
Instituição: *N. D. H. / UFPel*



Editora e Gráfica Universitária - UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELotas  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA  
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA



# HISTÓRIA EM REVISTA

VOLUME 3

NOVEMBRO DE 1997

Pelotas  
Editora da UFPEL

ANUAL

História em Revista	Pelotas	v. 3	p. 1-152	novembro/1997
---------------------	---------	------	----------	---------------

## EDITORIAL

No terceiro número da *História em Revista*, publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL, buscamos fortalecê-la. Mantendo-a como um espaço que facilita a veiculação da pesquisa histórica produzida na Universidade Federal de Pelotas, procuramos também afirmá-la como um periódico na área de História em âmbito nacional, contando, assim, com a contribuição de destacados pesquisadores, como a historiadora Helga I. L. Piccolo, que gentilmente ofereceu seu artigo sobre a escravidão em Pelotas, desejando fosse publicado em uma revista científica pelotense.

A *História em Revista* se consolida ao buscar constituir um valioso instrumento de pesquisa e informação. A partir desse volume, publicamos dossiês sobre temas específicos. Por esse meio, criamos um importante instrumento para pesquisa, estudo e ensino de História, por ensejar a leitura de variegadas abordagens sobre uma mesma problemática. No presente número, temos um dossiê sobre a escravidão na zona sul do Rio Grande do Sul; para tanto, privilegiamos a publicação de artigos de autores da própria região, a fim de divulgar a pesquisa aqui realizada sobre o assunto. A temática é tratada sob diferentes enfoques: assuntos variados; metodologias e técnicas distintas; fontes históricas diversas.

Ademais, damos continuidade ao objetivo, estabelecido na elaboração do segundo número, de publicar documentação histórica de valor, inédita ou veiculada em obras antigas, raras e esgotadas, ou mesmo na imprensa de épocas muito recuadas. Assim, se no número anterior publicamos a entrevista com o ex-dirigente comunista Otávio Brandão, nesse trazemos uma tabela sobre a escravidão em Pelotas no século XIX, publicada no *Correio Mercantil* de 23.08.1884, bem como um conto do escritor pelotense Alberto Coelho da Cunha, que foi publicado em 1872, no *Partenon Literário*, quando tinha ainda seus 17 anos de idade. Nesse conto, o adolescente descreve, com as tintas da literatura, o cotidiano do escravo da charqueada, que conhecera por meio de sua vivência familiar.

Com uma visão ampla da interação da História com as demais Ciências Humanas, trazemos um artigo de Antropologia, que trata, com originalidade, de um tema de absoluta relevância para os dias de hoje, qual seja, a violência.

Enfim, procurando incentivar os futuros professores e historiadores que formamos em nosso Curso de História, insistimos em manter uma seção dedicada à publicação de trabalhos de conclusão de curso que se destaquem por seus méritos científicos e intelectuais, aqui representados pelo artigo sobre a gripe espanhola.

**Fábio Vergara Cerqueira**  
Editor

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

### Reitora:

Prof. Inguelore Scheunemann de Souza

### Vice-Reitor:

Prof. José Carlos da Silveira Osório

### Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Prof. Nel Fernandes Lopes

### Pró-Reitor de Graduação:

Prof. João Neuci Brandalise

### Pró-Reitor de Extensão e Cultura:

Prof. Francisco Elifalete Xavier

### Pró-Reitor Administrativo:

Prof. Paulo Roberto Soares de Pinho

### Pró-Reitor de Planejamento e

#### Desenvolvimento:

Prof. Paulo Silveira Júnior

### Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Mario Osorio Magalhães

Vice-Diretor: Prof. Althen Teixeira Filho

### Chefe Depto. História e Antropologia:

Prof. Cláudia Mauch

### Editora e Gráfica Universitária

Diretor: Jorn. Fernando de Oliveira Vieira

### História em Revista

Publicação do Núcleo de Documentação  
Histórica da Universidade Federal de Pelotas  
Depto. de História e Antropologia

### Conselho Editorial:

Prof. Dra. Heiga I. Landgraf Piccolo

Prof. Dr. René Gertz

Prof. Me. Mario Osorio Magalhães

Editor: Prof. Fábio Vergara Cerqueira

### Ficha Catalográfica

**História em Revista/** Universidade Federal de Pelotas;  
Departamento de História e Antropologia; Núcleo de Documentação Histórica.  
v. 3, novembro 1997. - Pelotas: Ed.UFPEL, 1997.

Anual

1. História - Periódico I. Universidade Federal de Pelotas II. Departamento de  
História e Antropologia

CDD 900.05

## NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPEL (NDH/UFPEL)

### Coordenadora:

Prof. Me. Beatriz Ana Loner

### Membros do NDH/UFPEL:

Prof. Me. Cláudia Mauch

Prof. Fábio Vergara Cerqueira

Prof. Me. Flávia Maria Silva Rietth

Prof. Lorena Almeida Gill

Prof. Me. Maria Leticia Mazzucchi Ferreira

Técnicos Administrativos:

Alvim da Silva Jorge

Rogério Sacramento Burkert

Capa: Nara Rejane da Silva

### Impressão Digital Lazer:

Luiz Gonzaga de Souza Cruz

Rodrigo Marten Prestes

### Acabamento:

Oscar Luis Bohms (Chefe da Seção Gráfica),  
Alexandre Farias Brião, Carlos G. Costa da  
Silva, Cláudio L. M. dos Santos, João  
Henrique Bordin, João José P. Meireles,  
Marciano Serrat Ibeiro.

### Digitação, Composição, Diagramação e

#### Revisão de Tabelas:

Rogério Sacramento Burkert e Mara Lúcia

Vasconcelos da Costa

PEDE-SE PERMUTA  
WE ASK FOR EXCHANGE

### NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Coronel Alberto Rosa, 154

Pelotas - RS - Brasil - CEP: 96.010-770

Fone/Fax: (0532) 22-8941 - 25-0998

E-mail: loner@ufpel.tche

## SUMÁRIO

### EDITORIAL .....5

### DOSSIÊ: Escravidão no Extremo Sul do Brasil

1. O sistema escravista no Rio Grande do Sul:  
os inventários como fonte para a pesquisa histórica ..... 7  
*Helga Iracema Landgraf Piccolo*
2. 1887: A revolta que oficialmente não houve  
ou de como abolicionistas se tornaram zeladores  
da ordem escravocrata. .... 29  
*Beatriz Ana Loner*
3. Negros, brancos e “pardos” na construção  
do Novo Mundo, Pelotas 1848-1888 ..... 53  
*Ester J.B. Gutierrez*
4. *Pai Felipe: Um episódio de charqueada e/ou*  
aspectos temáticos da obra de Alberto Coelho da Cunha.... 85  
*Eduardo Arriada*
5. O escravismo na região meridional do Rio Grande do Sul:  
elementos contextuais e características ..... 99  
*Agostinho Mario Dalla Vecchia*

### INSTRUMENTOS DE TRABALHO

1. Núcleo de Documentação Histórica: Novos Rumos ..... 123  
*Beatriz Ana Loner e Lorena Almeida Gill*

### ARTIGOS

1. O fantasma da violência. Reflexões sobre  
“forças centrífugas” e um objeto em revolução..... 127  
*Theophilos Rifiotis*
2. A Gripe Espanhola em Pelotas ..... 137  
*Renata Brauner Ferreira*

**PAI FELIPE: UM EPISÓDIO DE CHARQUEADA E IOU  
ASPECTOS TEMÁTICOS DA OBRA DE  
ALBERTO COELHO DA CUNHA**

Prof. Eduardo Arriada

**RESUMO:** O presente texto tem como objetivo o resgate da obra do escritor pelotense Alberto Coelho da Cunha. Buscou-se, a partir da (re)publicação do conto *Pai Felipe: um episódio de charqueada*, ressaltar a importância da literatura como componente fundamental ao fazer história. Temos presentes nesse relato não apenas uma propaganda abolicionista, mas dados concretos sobre a violência da escravidão nas charqueadas.

**PALAVRA-CHAVE:** Alberto Coelho da Cunha, charqueadas, escravidão

Aos 76 anos Alberto Coelho da Cunha ainda tinha tempo para brincar, ainda não havia perdido de todo o tom irônico, às vezes mordaz, que sempre o acompanhou em seus escritos, como nesta simples dedicatória (de uma fotografia) a sua irmã: "À sua muito querida irmã Othylia oferece a sua última caricatura o Alberto. Pelotas, 10 de março de 1929".

Ao longo de seu trabalho, particularmente nas "Antigalhas de Pelotas" e "História das ruas de Pelotas", seu humor fino e ferino se faz presente. Bom para todos, assim como nós, que apreciamos quem assim escreve.

Nasceu o autor em 13 de setembro de 1853 em Pelotas, e nesta mesma cidade faleceu em 15 de outubro de 1939. Ainda jovem estudou no Rio de Janeiro, mas por problemas de saúde acaba retornando à sua cidade natal. Por esse motivo, desistindo de voltar ao Rio de Janeiro, nos informa o mesmo que, em dezembro de 1869, contando com a idade de dezesseis anos, ficou agregado ao escritório do seu pai, como caixeiro ajudante do guarda-livros. Foi no começo desse período que, convidado por Aquiles Porto Alegre, animou-se a, em momentos de folga, que lhe deixava o seu serviço de caixeiro, alinhar alguns continhos e fantasias que, sob os pseudônimos de Victor Valpírio e de Jatyr, a Revista Partenon admitiu nas suas colunas.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Professor Assistente da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Mestre em História pela Pontifícia Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Um desses “continhos” é que estamos (re)publicando. Para maior comodidade do leitor, atualizamos a grafia, procurando mexer o mínimo possível no texto (podemos perceber que os vocábulos regionalistas foram todos mantidos, e nem poderia ser de outra forma).

Apesar da charqueada ter marcado de forma profunda a sociedade sul-rio-grandense, particularmente a cidade de Pelotas, raros são os relatos desse ambiente: excetuando o que narram alguns viajantes como John Luccock, Jean Baptiste Debret, Saint-Hilaire, Nicolau Dreys, Arsène Isabelle, Louis Couty e outros, pouco nos resta. De memória e sem procurar rastrear fontes e documentos, lembro ainda de um conto de Alcides Maya, *Xarqueada*, publicado em 1911 em seu livro de contos *Tapera*, os contos *Mar de Sangue*, *Saudades de Viver* e *D. Pancho, o matador* do livro *Querência*, de Vieira Pires, de 1925, e a novela *Xarqueada* de Pedro Wayne, do ano de 1937. Com certeza deve existir mais alguma coisa, mas também, com a mesma certeza, não muito.

Esse conto, *Pai Felipe (um episódio de charqueada)*, foi originalmente publicado na Revista do Partenon Literário, números 1 e 2, 3<sup>o</sup> ano da II série, em 1874.

Podemos perceber que existia intenção de publicar obra de conjunto. Anteriormente, na mesma Revista, números 5 e 6 da 2<sup>a</sup> série, de 1872, saiu publicado “Contos Rio-Grandenses – Introdução”; nessa parte o autor esboça um conjunto de idéias onde sobreleva a valorização de uma temática nacional para a literatura brasileira; claramente, nota-se a influência alencariana.

É importante salientar que nessa Introdução o autor busca como fonte de estudo a realidade de sua região. “Creio, como alguns escritores nacionais, que temos elementos de sobra para fazermos independência literária(...)”<sup>2</sup>.

Alguns desses elementos (“o audaz gaúcho que vòa nos pampas do sul montado no furioso bagual, tendo por pátria a solidão sem fim, sem amores nem família”, ou ainda “o escravo brasileiro, que ao cantar do galo à meia-noite, mal dormido, corre ao som do sino da charqueada, tremendo de frio que corta, sob o açoite ameaçador do capataz, a cancha, para matar bois até dia alto, e daí até a noite lidar com carnes, isto meses seguidos, uma safra inteira”<sup>3</sup>) ele contrapõe à decadente cultura européia.

Noutro momento faz uma crítica acirrada e violenta contra Joaquim Nabuco, “muito brilhante inteligência da geração nova, justamente entusiasmado pelos *Lusíadas* do velho Camões, desconhece o sainete

brasileiro que ostentam os deliciosos livros do Alencar, as páginas sublimes do Luiz Guimarães Júnior e as produções sempre formosas do Bernardo Guimarães, do Macedo e outros; sainete que vê-se sempre, mesmo nas mais ligeiras produções do nosso ilustrado liêma”<sup>4</sup>.

A essa parte inicial, “Contos Rio-Grandenses”, poderíamos acrescentar como constituindo obra de conjunto a lenda “Mãe de Ouro” e os contos “Pai Felipe (um episódio de charqueada)”, “A filha do Capataz” e “Um Farrapo não se rende”.

Todos têm como temática o universo regional do Rio Grande do Sul. A valorizar os contos, temos o conhecimento e o gosto do autor pelas coisas do campo; viveu ele vários anos de sua vida na zona rural.

Em sua autobiografia o autor relata que, ao final do ano letivo de 1869, ao retornar do Rio de Janeiro para a cidade de Pelotas para gozar as curtas férias escolares, “veio atacado de uma impertinente laringite, ou coisa que isso valha. Consultado o Dr. Miguel Barcelos, parecia haver receio de que tal laringite se viesse a converter em tuberculose laringia. Nas alternativas dessa impertinente afecção, vivi na cidade, com algumas saídas para o campo até o ano de 1875.”<sup>5</sup>

É importante lembrar que seu pai, Felisberto Inácio da Cunha (Barão de Correntes), foi um próspero charqueador, levando-nos a ter certeza que esse ambiente foi vivido e vivenciado por Alberto Coelho da Cunha.

Em relação ao conto *Pai Felipe (um episódio de charqueada)*, Augusto Meyer salientava que “Alberto Cunha foi o primeiro a introduzir na ficção o tema da charqueada, já então num desígnio de crítica social e combate aos abusos do trabalho escravo.”<sup>6</sup>

Vivendo em Pelotas, nos fala Guilhermino Cesar, Vítor Valpírio conhecia bem o trabalho das charqueadas, ao que se deduz do bom uso que fez do vocabulário dos carneadores. Aproveitou o tema, até ali desprezado, em dois pequenos contos, *Pai Felipe* e *A filha do capataz*, mas sobretudo no primeiro, onde nos apresenta um drama comum naqueles tempos, o sofrimento do negro escravo nos rudes trabalhos da “cancha”, da “pilha” e da salga.<sup>7</sup>

O vocabulário utilizado nas charqueadas é bastante presente nesse conto. Entre outros termos, salientamos: estrompada, cotia, cancha, pilhas, salga, chimangos, mantas, sai de Cadiz, emburrando e desemburrando, zorras, tarimba, brete, curro, mangueira, manga, salgadores, tablada, safra, gume, amolando, chairas, picotes, relho, estirar o mulambo (significado de morrer), guasca, encarangada,

senzala, rondador, rancho, tronco, sova, manietado, maneíadas, nós temos catambá.

É importante ressaltar que uma grande maioria deles não estão dicionarizados.

Mas vamos deixar um pouco de lado essa conversa toda, pois como nos fala Italo Calvino, "a leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos. Por isso, nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentários, interpretações. A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário".<sup>8</sup>

## CONTO

### *Pai Felipe - Um episódio de charqueada*

#### I

#### A Safra

Vai a safra a todo o rigor e a negrada, estrompada pelo cruel serviço da charqueada, geme e resmunga sobre o boi que a perita faca acaba de sangrar.

Já por três vezes o hospital encheu-se de carneadores semi-mortos de cansaço; e já por três vezes foi despejado a força de cotia pelo severo Manoel Gomes.

E a negrada, renegando-se da sorte, passa as noites na cancha e os dias nas pilhas e na salga...

Todos os dias a tarde: "Eh! Boi ...Que sinhô brabo, meu Deus; pensa que negro é de ferro!", murmura a multidão escrava emburrando as matanças no varal.

E uma cordilheira de gado, formigando pela manga se avista.

A negrada presta ouvido aflito à monótona toada dos tropeiros: aos apodos que vão atirando ao gado ao trazer a tropa a encerra.

Mais boi! Eh, que sinhô brabo! Pensa que negro é de ferro.

E o sul morno e fraco, que enfarruscado luzira no dia entre calígens, descamba no ocaso, insípido como um dia de ventania.

A escuridão desdobrando-se sobre o plano de Pelotas, numa faixa de agonizante tristura, deita-se ao balido tormentoso e gélido do minuano.

E a noite de chegada arrancha-se, com toda a sua medonha comitiva de horrores.

No galpão da cancha as lufadas da ventania tremem nos lampiões mal cerrados, que de espaço a espaço sombreiam as luzes palejantes.

Não há muito que o sino tocou a recolher e já se ouve o rangido das zorras e dos trilhos se limpando; não há três horas que a negrada o corpo fatigado atirou sobre a tarimba.

Mas nem repouso permite a sorte ingrata aos bastardos filhos do trabalho.

Durante o dia um afã que começa com o sol e com ele só finda, e que ressurgindo ainda à noite, mal na torre da matriz distante tange o sino sobre o dia que morre as suas doze badaladas merencórias, e já a sineta da charqueada casa com os uivos da ventania feroz o seu clamor de despertar.

Treme a porta da senzala às bordoadas do cabo do relho do capataz e o vento enveredando pelas frestas das portas desconjuntadas assobia pelos galpões e armazéns.

O Manoel Gomes bate queixo e tiritita de frio apesar do poncho enorme que lhe desce sobre os joelhos.

Acorda, corja de malandros! O brete já está cheio e ainda no curro e na mangueira há muito boi que descascar.

Estremunhando de sono levanta-se o escravo.

A esta hora em que os felizes aconchegando a coberta ao corpo tranquilos saboreiam o macio calor da cama, arrentados de cansaço e frio sofrem a dureza da sorte os desvalidos filhos da escravidão.

Lufada após lufada o minuano arrasta as asas impetuosas no chão da cancha ensangüentada.

Tremem as luzes palejantes dos lampiões luzindo no gume das facas afiadas dos carneadores.

Os mugidos lúgubres das reses que o sangrador vai uma a uma enxugando, enterrando-lhe até ao cabo a faca na nuca, casam-se funebremente aos uivos da ventania, aos gritos de raiva do capataz e ao burburinho dos negros que se acotovelam.

A noite escura como breu abandona o negro seio aos furiosos afagos do minuano, que sobre ele se rebolca convulsivo.

#### II

#### Velho Carneador

De instante a instante alça-se a porta do corredor, e puxada por dois negros sai a zorra conduzindo uma RÊS expirante. Ora a um lado, ora a outro da cancha a atiram, e um carneador dela toma posse.

Entregue a RÊS à faca perita, daí a minutos está feita em postas, e aí vem outra ocupar o lugar dessa na cancha, de ponta a ponta juncada de gado algum morto, outro moribundo e não pouco esperando com meio couro já despegado do corpo.

O sangue deslizando pelos declives do galpão vai despenhar-se em borbotões nos regos, que as suas ondas negro-avermelhadas vão despejar no rio.

De vez em quando tinem e retinem as facas se amolando nas chairas, enquanto a RÊS agonizante debaixo dela vidra o olhar embaciado pela morte.

Lá junto ao portão do curro está pai Felipe Maranhão, o mais destro carneador de quantos nessa turba, na chaira, afiam a faca. Vinte e quatro reses, raramente menos e por vezes mais, esfolam por noite, e nunca em cada safra esparteja menos de cinco mil.

Desde que o picote de charqueada vestiu, tem carneado cento e oitenta mil reses.

Mas, por que pai Felipe, que sempre trabalha resignado e contente, hoje mostra-se triste?

Por que o carneador decidido e voluntário, com visível esforço entrega-se ao serviço?

A sua faca hoje não carneia a RÊS como ontem acompanhada de uma canção alegre, dessas que na terra natal inspiram os momentos de contentamento; e o destro carneador não entoa a toada voluptuosa que aprendeu nas roças do Itapicuru.

Sua alma por vezes revoa àqueles climas ardentes, onde à sombra da carnaúba foi aleitado, onde deixou entes queridos; lá possui uma mãe e não sabe se irmãos existem.

Lá deixou afetos que não encontra aqui, no país do exílio; lá conheceu doçuras, se para o escravo doçura consente a cruelíssima fatalidade...

Aqui os regelos do inverno o inteiriçam no picote; aqui só sente afagos do minuano que frígido vara o corpo até os ossos.

Pai Felipe cisma e sente saudades das matas natalícias...

Berço, ó berço infantil! A alma do filho ausente volta a embalar-se em ti!

### III

#### De Dia

O céu para o dia desanuviara-se; de negro tornou-se branco pardacento e as barras do dia apontaram descoradas na insipidez do firmamento. O minuano alta noite aminou a fúria; por isso o dia nascente apresentou-se calmo, porém frio com um garoar de neve.

A matança continuava ainda.

Por vezes resvalou a faca das mãos entanguidas dos carneadores; nos braços valentes a força, com o frio que suspendia a circulação do sangue, se paralisava, enquanto os dedos endurecidos se recusavam ao tato.

Alguns copinhos de cachaça distribuídos reanimavam-nos, porém por instantes que logo se impossibilitavam com o frio que lhes tinha as mãos e dedos encarquilhados como guasca encarangada.

Quando cento e quarenta reses carneadas se mostraram, deu-se a matança por concluída. Pai Felipe teve apenas dezesseis.

As zorras rinchavam sobre os trilhos conduzindo as ossamentas, e na mangueira de ventas dilatadas berrava o gado haurindo o odor de sangue irmão.

Dividida em turmas prosseguiu no labor ativo. Enquanto os chimangos desemburravam as matanças no varal, os carneadores inflingiam às mantas ainda palpitantes os últimos lanhos.

Depois os salgadores apoderaram-se das carnes quentes a latejarem com resquícios de sensação, e sobre as mesas estendendo-as, atiraram-lhes pás de sal, de fino sal de Cadiz, com que as esfregam...

Outra turma de negros para aliviar o galpão punha uma pilha fora.

Enquanto estes serviços se fizeram com ligeiro intervalo da comida, o dia, o frio de inverno, em que o sol por momentos mal luziu, tocou ao termo.

Pelos regos sujos da charqueada que conduzem ao rio, o sangue em ondas negras corria velozmente em borbotões.

A noite vinha se avizinhandoo.

- Ligeiro, ligeiro com isso, berrava o capataz. Que diabo de lombeira de malandrice têm vocês? Não veem que o dia está acabado; que o galpão está ainda cheio de pilhas, que, se vem uma invernada, há mais carne catíngosa que o diabo? Vocês não enxergam a mangueira cheia e não se lembram que logo temos tropa na manga? Pois toca a andar com isso, que eu não quero manhas.

Com o serviço que se ia acumulando seguidamente, pois o patrão era homem sem dó nem piedade capaz de arrematar todo o gado da Tablada numa safra, que os negros matariam lá como pudessem.

O Manoel Gomes começava a ser apertado pelas suas enxaquecas, e então era homem de má veneta.

- Amanhã há sal para descarregar que o iate está aí.

E bateu estrondosamente com o cabo da cotia no chão.

Descarregar o sal do iate era um dia de serviço.

- Hum! Hum! Meu parceiro, nós temos catambá; branco está brabo como uma jararaca de cruz.

- E ouviu-se a açoitadora do relho: lepum, lepum, roncar nas costas de Antônio Moçambique.

De todo escureceu e a sineta tocou a recolher.

## IV

## O Castigo

Depois de fechada a senzala colocou-se o Maneca por trás dum esteio da cancha.

Não esteve meia hora nesta posição, que um vulto cosendo-se com as sombras viu vir-se encaminhado ao longo da cerca direito à senzala.

À voz de - quem vem lá - ninguém respondeu.

O vulto parou-se e agachou-se. A um grito do capataz acudiu o rondador que andava com os cachorros rondando o varal.

Era o Manoel Chimango, que, aproveitando a parada do serviço, tinha ido falar a um preto dum vizinho, e que na diligência demorara-se mais do que supunha. Tendo percebido a senzala fechada, vinha com toda a cautela ver se falava a algum parceiro para saber se tinha sido notada a sua ausência.

Na ocasião de aproximar-se do rancho, ouvindo inesperadamente a interrogação do Maneca, agachara-se e calara-se a ver se o iludia e podia escapulir. Quando menos esperava, a cachorrada sobre ele se atirou e logo sobre a cabeça, braços, ombros e costas sentiu formidáveis lambadas.

Era o terrível capataz.

Amarrado e esbordado foi metido no tronco.

Que de pensamentos medonhos não assaltaram durante a noite a cabeça do cativo? Que de idéias e planos tenebrosos? Quanto sentimento de dor e de ódio não extravasou o coração amargurado do filho bastardo do sofrimento?

A meia noite soou o toque de despertar e a negrada silenciosa marchou para a cancha. O frio era intenso.

Ao nascer do sol foi por momentos suspenso o serviço, afim de ter execução o suplicio do delinqüente. Diante da escravatura formada em quadrado foi trazido o Manoel Chimango a sofrer a punição e o exemplo para escarmento a futuros delitos.

O rondador, português robusto e valente, que acumulava também na charqueada o emprego de carrasco, entrou para o centro do quadrado munido de laço.

E começou a desandar a sova.

Os primeiros laços foram agüentados pelo paciente com resignação; mas depois foi uma orquestra de gemidos e ais, afinados pelas dores e sofrimentos mais atrozes, que trariam piedade ao mais duro coração.

Manietado e de joelhos, a cada novo laço contraia-se no desespero da dor clamando o auxilio de Deus e de todos os santos, chamando a piedade dos corações calejados no espetáculo diário de idênticas execuções.

Com a dor dava pulos, mas com os braços atados para as costas e as pernas maneiadas caía de novo de joelhos batendo com a face no duro chão. Aos quarenta laços, da nádegas esguichou-lhe o sangue.

Dos cinquenta em diante começou a apagar-se-lhe a voz e a ouvir-se-lhe mais débeis e mais fracos os gemidos.

Os olhos injetados de sangue pareciam querer-lhe sair fora das órbitas, loucos de dor e desespero.

Por não se poder mais suster de joelhos foi em pé atado a uma tábua rasa, com as costas para o algoz, e o castigo prosseguiu.

O chão era uma poça de sangue; o corpo do infeliz transformara-se em uma chaga; no laço esmigalhavam-se pedaços de carne.

Aos noventa laços o negro desmaiou.

E a punição havia terminado.

## V

## Descanso de Dois e Dever de um Cumprido à Risca

O escravo desfalecido foi levado para o hospital.

Na charqueada prosseguia com atividade a matança, que não tardava a terminar, cento e sessenta reses já tinham sido mortas.

Alguns carneadores de cansados não podiam mais trabalhar.

Um atreveu-se a chegar ao Maneca Gomes e dar parte de doente.

- O quê! patife!... pois tu, ladrão, manheiro, queres ganhar o hospital? Já pra cancha. O teu lugar é lá; se estás doente, se queres estirar o mulambo, o teu dever é morrer em cima do boi. Já, ladrão!

Pai Felipe desde muito sofria do coração: uma aneurisma lhe estava minando a vida. Às vezes o carneador sentia faltar-lhe o ar e uma sufocação subir-lhe à garganta que parecia querer estrangulá-lo. Uma dor agudíssima o trespassava.

Desde dois dias tinham, dobrado de intensidade e de violência os seus sofrimentos: espremido pela dor, de continuo o seu coração dessorava lágrimas. De seus olhos às ocultas o pranto borbulhava; mas o velho carneador, calando as mágoas vergado sobre a RÉS, trabalhava sem soltar uma queixa, sem exprimir um lamento.

A cancha ondas negras aos borbotões despejava nos regos que suas empoladas vagas rolavam para o rio.

O sol morno começava a espalhar seus pálidos raios sobre a charqueada.

O Manoel Chimango, mal firmando-se nas pernas, a sofrer o martírio de mil indefinidas dores, agarrando-se às paredes, saiu

do hospital. Tomara uma resolução desesperada: não podendo erguer contra seus algozes o ferro homicida da vingança, ele ergueria para cravar sobre seu peito a faca do suicídio, que livraria a escravidão de mais um móvel e a tirania de mais uma vítima.

A poucos passos, no terreiro, sobre uma pedra, estava uma faca; arrastando-se custosamente ele chegou-se a ela e empunhou-a. Fazendo dolorosos esforços ergueu o braço e com todo o custo cravou-a no peito; convulsivamente arrancou-a e varejou-a longe.

No próprio lugar do castigo caiu, espadanando o sangue de seu coração sobre o sangue que do corpo lhe derramaram os tiranos.

E vários negros para lá se precipitaram.

Ao mesmo tempo ouviu-se uma bordoadada e logo um grito do Maneca Gomes na extremidade da cancha.

Pai Felipe contorcendo-se de dores trabalhava. Estava tirando o couro de um novilho, quando contraindo-se-lhes pela dor os músculos da mão, a faca resvalando furou o couro.

O capataz, que estava atrás, assistiu-lhe com a cotia vigorosa porretada sobre o ombro.

O negro ergueu o porte altivo fulo de raiva, de narinas abertas e olhos em que brilhavam relâmpagos.

A seus, pés esperneando a espadanar sangue em borbotões, o novilho estrebuchava.

Súbito estacou nas vascas da agonia. A boca lhe assomou uma espuma sanguinosa; a aneurisma arrebentara-se; os seus olhos viraram-se e reviraram-se; ele fez um esgar medonho; deu um ronco prolongado e profundo, e sobre o novilho agonizante caiu inteirido e morto.

**Fim**

## Notas bibliográficas

1. Autobiografia. (manuscrito datilografado).
2. *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, nº 5 e 6, ano I da II Série, Typographia do Constitucional, Porto Alegre, 1872, p.41.
3. *Idem*, p. 42-43.
4. *Idem*, p.30. Iriêma, pseudônimo de Apolinário Porto Alegre.
5. Autobiografia, p. 04-05.
6. MEYER, Augusto, Ciclo gaúcho. In: *A Literatura no Brasil*. Vol. 3, Org. por Afrânio Coutinho, Liv. José Olympio, Rio de Janeiro, 1986, p. 302.
7. CESAR, Guilhermino, *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, Editora Globo, Porto Alegre, 1956, p. 320.
8. CALVINO, Italo, *Por que ler os clássicos*. Companhia das Letras, São Paulo, 1993, p. 12.

## Referências bibliográficas:

Para o conhecimento da obra de Alberto Coelho da Cunha julgamos pertinente arrolar as obras básicas do e sobre o autor.

Este pequeno levantamento bibliográfico não tem a pretensão de esgotar as possíveis fontes de estudo, quando muito servir de orientação.

Obras de Alberto Coelho da Cunha

### a) Textos literários

*Contos Rio-Grandenses*. Introdução. In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, nº 5 (págs. 41-45) e nº 6 (págs. 26-33), Ano I da II Série, Typographia do Constitucional, Porto Alegre, 1872.

*A Mãe de Ouro*. Novela-Lenda. In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, nº 1 (págs. 30-34), nº 2 (págs. 60-63), nº 3 (págs. 105-116), nº 4 (págs. 158-166), nº 5 (págs. 203-211) nº 7 (págs. 285-294) nº 8 (págs. 328-331), Ano II da II Série, Typographia do Constitucional, Porto Alegre, 1873.

*Fantasia e Caprichos*. Contos. In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, nº 11 (págs. 463-465), Ano II da II Série, Typographia do Constitucional, Porto Alegre, 1873.

*Fantasia: Mimi e Meu Anjo Escuta*. Crônica. In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, nº 1 (págs. 35-42), Ano II da II Série, Typographia do Constitucional, Porto Alegre, 1873.

*Fantasia: Vozes à toa; Vozes de amor e a morte de Serafina*. Crônica. In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, nº 2 (págs. 79-81, 82-84, 85-89), Ano II da II Série, Typographia do Constitucional, Porto Alegre, 1873.

*Fantasia: Vozes a Esmo*. Crônica. In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, nº 4 (págs. 149-152), Ano II da II Série, Typographia do Constitucional, Porto Alegre, 1873.

Pai Felipe (Um episódio de charqueada). Conto. In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, nº 1 (págs. 561-565), nº 2 (págs. 605-608), Ano III da II Série, Imprensa Literária, Porto Alegre, 1874.

*Um Farrapo não se rende*. Conto. In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, nº 10 (págs. 157-167), Ano III da II Série e nº 7 (pág. 07), nº 11 (pág. 187), Ano IV da II Série, Imprensa Literária, Porto Alegre, 1874/75.

*Fantasia. A filha do capataz*. Conto. In: *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, nº 12 (págs. 268-270), Ano III da II série e nº 1 (pág. 21), Ano IV da II Série, Imprensa Literária, Porto Alegre, 1874/75.

## b) Textos históricos (publicação em livro e/ou revista).

*O Município de Pelotas. Sua riqueza e prosperidade.* Livraria Pelotense de Albino Isaacsson, Pelotas, 1910.

*Dados Estatísticos (1910-1911).* Intendência Municipal. Município de Pelotas. Of. do Diário Popular, Pelotas, 1911.

*Coletânea de apontamentos históricos e estatísticos sobre o município de Pelotas.* In: *Boletim do Departamento Municipal de Estatística*, nº15 s/ed., Pelotas, 1939.

*Cidade de Pelotas (Notícia histórica).* In: *Almanaque de Pelotas (1914)* págs. 59-67, Gráfica do Diário Popular, Pelotas, 1914.

*Os templos de Pelotas.* In: *Almanaque de Pelotas (1914)*, págs. 176-184, Gráfica do Diário Popular, Pelotas, 1914.

*Cursos d'água de Pelotas.* In: *Almanaque de Pelotas (1927)*, págs. 124-135, Gráfica do Diário Popular, Pelotas, 1927.

*Reminiscências de um contemporâneo.* In: *Almanaque de Pelotas (1927)*, págs. 88-95, Gráfica do Diário Popular, Pelotas, 1927.

*A vinda do padroeiro de Pelotas.* In: *Almanaque de Pelotas (1929)*, págs. 127-138, Gráfica do Diário Popular, Pelotas, 1929.

*Os velhos cemitérios de Pelotas.* In: *Almanaque de Pelotas (1929)*, págs. 145-149, Gráfica do Diário Popular, Pelotas, 1929.

*Antigualhas de Pelotas.* In: *Almanaque de Pelotas (1935)*, págs. 93-97, Gráfica do Diário Popular, Pelotas, 1935.

## Publicação em jornal

*Antigualhas de Pelotas. "A Opinião Pública".* Pelotas, de 29.06.1928 a 20.12.1928. (81 artigos).

*História das ruas de Pelotas.* *Diário Popular.* Pelotas, de 06.10.1938 a 24.10.1939.

## Manuscritos

Muitos são os manuscritos deixados pelo autor, citamos apenas aqueles a que tivemos acesso.

Apontamentos históricos sobre Pelotas.  
Autobiografia. Manuscrito datilografado.

Cidade de Pelotas: população, logradouros, estatística (1855-1898).  
Distritos do Município de Pelotas.

Síntese histórica da Beneficência Portuguesa, Santa Casa de Misericórdia, Asilo de Órfão Nossa Senhora da Conceição, Asilo São Benedito e Asilo de Mendigos.

## Textos sobre Alberto Coelho da Cunha

### a) Bibliografia

MARTINS, Ari: *Escritores do Rio Grande.* Editora da URGs e IEL, Porto Alegre, 1978.

MENEZES, Raimundo de: *Dicionário Literário Brasileiro.* 2ª edição, Livros Técnicos e científicos, Rio de Janeiro, 1978.

VILLAS-BÔAS, Pedro: *Notas de bibliografia sul-riograndense.* Editora A Nação e IEL, Porto Alegre, 1974.

### b) Artigos e ensaios

CESAR, Guilhermino: A vida literária. In: KREMER, Alda Cardoso et alii; *Rio Grande do Sul: Terra e povo.* Editora Globo, Porto Alegre, 1966.

\_\_\_ *Notícias do Rio Grande: Literatura.* Org. e introdução, Tania Eranco Carvalhal. IEL e UFRGS, Porto Alegre, 1994.

COLOR, Lindolfo: *A literatura no Rio Grande do Sul.* In: Biblioteca Internacional de obras célebres. Vol. XVIII, Lisboa, Rio de Janeiro, São Paulo, Londres, Paris, s/ed. s/d.

ECHENIQUE, Guilherme: *Alberto Coelho da Cunha.* Diário Popular, de 29.10.39 a 17.11.39 (08 artigos), Pelotas.

\_\_\_ *Alberto Coelho da Cunha.* In: Boletim do Departamento Municipal de Estatística, nº 15, Pelotas, 1939.

\_\_\_ *Fastos da propaganda republicana.* Diário Popular, 26.11.39 a 16.12.39 (11 artigos), Pelotas.

FREITAS, João C. de: Victor Valpirio. In: *Ilustração Pelotense.* Ano V, nº 5, Pelotas, 01 de março de 1923.

MEYER, Augusto: Ciclo gaúcho. In: *A Literatura no Brasil.* Vol. 3, Org. por Afrânio Coutinho, Liv. José Olympo, Rio de Janeiro, 1986.

MORAES, Carlos Dante: Condições histórico-sociais da literatura rio-grandense (esquema). In: *Figuras e Ciclos da história rio-grandense.* Editora Globo, Porto Alegre, 1959.

PORTO ALEGRE, Achylles: Victor Valpirio. In: *Serões de Inverno (Crônicas),* Livraria Selbach, Porto Alegre, 1923.

REVERBEL, Carlos: Uma tropeada de Assis Brasil. Letras e Livros. Ano I, nº 5, 05.09.1981, *Correio do Povo,* Porto Alegre.

ROSA, Otelo: O Partenon Literário. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 1948.

SPALDING, Walter: Victor Valpério. In: *Construtores do Rio Grande*. II volume, Edições Sulina, Porto Alegre, 1969.

VELLINHO, Moisés: O Partenon Literário. In: *Primeiro Seminário de Estudos Gaúchos*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1957.

### c) Livros

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre: *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul – 1868 a 1880*. EST, Porto Alegre, 1982.

CESAR, Guilhermino: *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Editora Globo, Porto Alegre, 1956.

HEssel, Lothar F. (Org.): *O Partenon Literário e sua obra*. Flama/IEL, Porto Alegre, 1976.

JÚLIO, Sílvio: *Estudos Gauchescos de literatura e folclore*. Edição do clube internacional do Folclore, Petrópolis, 1953.

\_\_\_ *Literatura, folclore e lingüística da área gauchesca no Brasil*. A. Coelho Branco Fº (Editor), Rio de Janeiro, 1962.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes: *Modernismo no Rio Grande do Sul*. materiais para o seu estudo. IEB/USP, São Paulo, 1972.

\_\_\_ *Regionalismo e Modernismo*. Ed. Ática, São Paulo, 1978.

\_\_\_ *No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto*. Martins Fontes, São Paulo, 1988.

MAROBIM, Luiz: *A literatura no Rio Grande do Sul. Aspectos Temáticos e Estéticos*. Martins Livreiro Editor, Porto Alegre, 1985.

MEYER, Augusto: *Prosa dos Pagos*. Livraria São José, Rio de Janeiro, 1960.

POZENATO, José Clemente: *o regional e o universal na literatura gaúcha*. Ed. Movimento, IEL, Porto Alegre, 1974.

SILVA, João Pinto da: *História Literária do Rio Grande do Sul*. 1ª edição, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1924.

VIEIRA, Damasceno: *Esboços Literários. Poesia e Crítica*. Typographia da Deutsche Zeitung, Porto Alegre, 1883.

ZIBERMAN, Regina: *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3ª edição, Mercado Aberto, Porto Alegre, 1992.

## O ESCRAVISMO NA REGIÃO MERIDIONAL DO RS: ELEMENTOS CONTEXTUAIS E CARACTERÍSTICAS

Professor Agostinho Mario Dalla Vecchia

### 1. Palavras iniciais

O estudo da história de uma comunidade humana, de uma nação, de uma classe social, é fundamental para sua articulação no contexto em que vive. O estudo dos fatos históricos do passado, analisados no processo de suas relações, permite a compreensão da situação vivida e permite o resgate de elementos da identidade do grupo estudado.

Desejamos apresentar elementos que contribuam para o estudo do escravismo na Região Meridional do Rio Grande do Sul. Os dados expostos e analisados nas páginas seguintes foram colhidos em documentos de nossas bibliotecas de Pelotas, das falas dos filhos, netos e bisnetos de escravos entrevistados nos últimos anos e de obras recentes sobre o escravismo no RS. Queremos expor e analisar os dados extraídos principalmente dos *Estudos Definitivos da Linha de Canguçu*, obra da comissão chefiada pelo engenheiro Eduardo José de Moraes. Tratava-se da construção de um ramal da estrada de ferro Rio Grande-Alegrete, ligando Pelotas a Canguçu.

### 2. Contexto histórico gaúcho, no século XVIII e XIX.

No século XVIII e XIX, o RS emerge como região de reconhecido valor de produção econômica voltada para a pecuária, possível a partir das milhões de cabeças de gado que proliferaram na região, após o extermínio das experiências missionárias jesuíticas. A instauração de charqueadas permitiu a exploração e comercialização da carne bovina e a instauração de um sistema de produção pecuário charqueador escravista. Escravos produziam nas charqueadas, nas estâncias, nas pequenas e médias propriedades e realizavam os serviços domésticos na cidade e no campo. A produção deste sistema era destinada geralmente às grandes propriedades de produção exportadora do

Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Mestre e Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.